
APRESENTAÇÃO

Tanto o Prefácio de *A Busca de Excitação*, escrito por Eric Dunning, como a Introdução do mesmo livro, feita por Norbert Elias, remetem às discussões travadas pelos autores em meados da década de 1950 acerca da pertinência de se tratar o esporte como um tema digno do interesse das ciências sociais. À época, embora prestes a se aposentar, Elias era um sociólogo quase desconhecido que, às duras penas, galgara um posto como professor universitário em Leicester. Eric Dunning, por sua vez, era um estudante de economia que havia despertado para a sociologia a partir do contato com o mestre alemão. Ao longo do meio século que nos separa desse encontro, Elias tornou-se um dos mais prestigiados intelectuais do ocidente, tendo sua obra traduzida para diversos idiomas, incluindo o referido *A Busca de Excitação*, texto escrito em parceria com Dunning, especialmente dedicado ao processo de esportivização e consagrado como um dos mais importantes da sociologia e da antropologia do esporte. Graças a esta e a outras obras capitais, as discussões acerca da legitimidade da abordagem do esporte como objeto das ciências sociais tornaram-se cada vez mais raras. Diferentemente do período que vai até pelo menos o início da década de 1990, em que eram frequentes as restrições ao estudo do esporte, do lazer, do corpo, do espetáculo e de outros fenômenos afins, as discussões, agora, se voltam para o modo como se deve teorizar o campo esportivo e quais os aspectos mais interessantes de serem investigados empiricamente.

O prestígio de pensadores consagrados como Elias, Bourdieu e Hobsbawm – além de Eduardo Archetti e Roberto DaMatta, na América Latina –, para referir apenas os mais citados pela bibliografia especializada, serviu como um argumento de autoridade capaz de arrefecer os preconceitos em relação à incorporação do esporte aos temas convencionais. Se teóricos desse quilate trataram o esporte a sério, muitos outros depois se sentiram encorajados a fazê-lo. Um novo campo de pesquisa, marcadamente interdisciplinar, foi então sendo constituído, e se mostra bastante promissor na medida em que as investigações não têm se limitado às questões formuladas pelos pensadores canônicos. Novos temas foram e vão sendo sugeridos, muitos deles atendendo aos apelos mais amplos da sociedade – como é o caso dos vários estudos sobre o futebol –, não raro balizados pelas tradições teóricas nacionais. Há muito por fazer neste campo, sem dúvida, mas já dispomos de um volume expressivo de

conhecimentos acumulados e uma extensa bibliografia, congregada nas duas últimas décadas.

Atenta a esta produção em franca expansão, *Horizontes Antropológicos* abre espaço para uma edição especialmente dirigida ao esporte. Considerando que ela poderá ser lida por muitos acadêmicos que não têm o domínio especializado da literatura esportiva, discutimos, nesta apresentação, em poucas palavras, o que vem a ser o esporte e como as ciências sociais o problematizam. Estas questões, por mais óbvias que pareçam, devem ser esclarecidas, especialmente para não pairarem dúvidas acerca da distância que separa o interesse esportivo do interesse em decifrá-lo, ou seja, da distância entre o interesse dos amantes do esporte e o daqueles que o observam através da antropologia do esporte.

À diferença de certas disciplinas que visam à intervenção direta, como a biomecânica, a medicina, a fisiologia ou o *marketing* esportivos, de algum modo engajadas na promoção do fenômeno em si, a antropologia não possui qualquer compromisso com o incremento das *performances*, com a organização, a jurisdição, a modernização e, sobretudo, com a ideologia e a mitologia esportivas. Embora a perspectiva antropológica seja também uma modalidade de discurso sobre o esporte, e como tal seja uma entre outras possibilidades de recortá-lo, a produção dos discursos interfere no fenômeno esportivo de modo mais indireto, pois a perspectiva antropológica caracteriza-se, sobretudo, pela análise e interpretação dos fenômenos. Nossas preocupações são tipicamente antropológicas, direcionadas para a análise dos significados atinentes à prática e à fruição de atividades ditas esportivas em seus contextos históricos e sociais. Por exemplo, interessa-nos investigar como se produzem as celebridades e as celebrações esportivas, em que medida os esportistas se aproximam ou se distanciam de outros *pop stars* midiáticos e dos heróis nacionais (dois tipos com os quais os primeiros possuem muito em comum) etc. Não arbitramos acerca de legitimidade ou da pertinência destas construções, conquanto sejamos seguidamente instigados a fazê-lo, seja pela mídia, ela própria parte do campo que nos cabe compreender, seja por colegas de disciplinas próximas que não possuem muita clareza acerca do modo como este tema é abordado na antropologia.

A definição de esporte com a qual temos trabalhado é essencial na demarcação da especificidade antropológica. Embora haja outras, a definição mais freqüente nas produções atuais, incluindo-se aquelas aqui publicadas, é tributária de Norbert Elias, para quem o esporte é uma prática corporal competitiva, inventada pelos ingleses por volta da segunda metade do século XIX, a

partir da reconfiguração de jogos, lutas e outras práticas locais. Esta definição permite estabelecer um corte relativamente preciso, separando as práticas competitivas modernas daquelas praticadas em outras épocas e lugares, em relação às quais haveria uma correspondência com o esporte, mas jamais uma continuidade, como pressupunha a historiografia difusionista tradicional. Como destacaram Roger Chartier, na introdução de *Sport et Civilisation* (versão francesa para *A Busca de Excitação*), e Christian Bromberger, no verbete *sport* (para o *Dictionnaire d'Ethnologie et Anthropologie*), a definição eliasiana associa fortemente a emergência e a difusão dos esportes ao contexto inglês de meados do século XIX.

Elias, efetivamente, trata o esporte como algo mais do que uma modalidade de uso do corpo. Nomear certas práticas como esportivas pressupõe reconhecer nelas um vínculo com o ideário moderno, civilizado, disciplinado, codificado, espetacularizado. É esse ideário que faz toda a diferença entre o boxe, que é um esporte, e uma briga de rua, que é apenas uma briga, conquanto as técnicas corporais possam estar muito próximas. O boxe evoluiu para um esporte a partir de outras lutas, que certamente incorporaram elementos das brigas de rua, e o que faz dele um esporte é antes o fato de que à disputa seja atribuído um dado significado, e este seja encompassado por certos valores éticos e estéticos. São as regras que desempenham esta função, evitando, por exemplo, que os contendores, no caso do boxe, digladiem-se até a morte. Para Elias, os esportes, assim como outras atividades que denomina como miméticas, têm papel central no processo civilizador, pois representam espaços de tensão controlada em sociedades que tendem a excluir a “excitação” da maioria de suas dimensões. As regras esportivas, portanto, não estão fora da sociedade que as institui e surgem juntamente com as agências que as impõem e com um sistema jurídico próprio – a chamada justiça esportiva –, que varia para cada modalidade. O desejo do público em ver *performances* cada vez mais refinadas exige dos atletas dedicação exclusiva, o que os impede de exercer atividades paralelas, como nos tempos do amadorismo. O mecenato convencional tem declinado no ocidente desde o Império Romano, quando viveu seu apogeu, razão pela qual é o próprio público quem remunera, direta ou indiretamente, os atletas. Em torno destas contrapartidas criou-se um aparato mercadológico sofisticado, como em qualquer outro ramo dos negócios. Em outras palavras, o espaço dos esportes se complexificou a partir da sua difusão em escala global e da intersecção com outros espaços – econômicos, políticos, religiosos.

Não há como compreender os significados do esporte, com suas inúmeras modalidades e variações (pensemos, por exemplo, na diversidade de formas de praticar o futebol), sem levar em conta a complexidade social e cultural do mundo contemporâneo. A modernidade, a industrialização, a laicização e a parlamentarização (enquanto um modo de mediação dos conflitos baseada no confronto verbal e não na guerra), como quer Elias, estão na base do impulso para a criação e disseminação do esporte moderno a partir da Inglaterra do século XIX. Desde então, o esporte se autonomizou, ao menos parcialmente. Se em outras épocas comparava-se uma equipe de futebol ao trabalho em uma usina, por exemplo, agora é o trabalho em equipe realizado nos esportes coletivos que se presta como metáfora aos administradores de empresas, como bem notou Alain Erhenberg em *Le Culte de la Performance*. A codificação e o regramento mudaram profundamente a função e o significado do esporte no século XIX, assim como a midiaticização e a espetacularização os transformaram ao longo do século XX. Paulatinamente, o esporte instituiu sua própria sacralização, movimento absolutamente moderno, já que no contexto pré-moderno e, sobretudo, nas sociedades tradicionais, as lutas e os jogos eram englobados por outras atividades, como as festas religiosas ou a preparação para as guerras, declinando dessas esferas o sentido principal para suas existências.

E no momento em que o esporte começou a se autonomizar, na primeira metade do século XX, surgiram também as primeiras críticas contra ele. Elas tornar-se-iam mais intensas no pós-Guerra, quando floresceu a indústria esportiva, fenômeno próximo e de crescimento tão avassalador quanto o da indústria cultural. Sob a influência de certas vertentes de cunho marxista, como a Escola de Frankfurt, a artilharia antiesportiva denunciou os abusos que certos líderes políticos fizeram do esporte com a colaboração da mídia especializada e a subserviência de atletas e espectadores. Esta crítica, por vezes corrosiva, por vezes superficial, por ignorar a complexidade do fenômeno social ou pelo uso estereotipado de certos conceitos (como alienação, por exemplo), produziu, mesmo assim, efeitos muito positivos no âmbito de disciplinas como a educação e a educação física. Ao contrário dos discursos engajados dos cronistas esportivos, quase sempre prontos a exaltar os valores do esporte, tornou-se cada vez mais freqüente encontrarmos educadores profissionais preocupados com os excessos do culto à alta *performance* e seus desdobramentos correlatos – dopagem, competição exacerbada, violência, exclusão dos amadores (sob o rótulo de incapazes) etc. Em países como a França e o Brasil, há um bom

número de pesquisadores da educação, em especial da educação física, frequentando os espaços das ciências sociais, o que tem sido bastante produtivo para ambas as disciplinas. Uma parte dos artigos publicados nesta edição de *Horizontes Antropológicos* exemplifica este trânsito, pois além de terem sido escritos por educadores, suas referências bibliográficas revelam-se transdisciplinares.

A apropriação dos espetáculos esportivos de massa por dirigentes esportivos e políticos profissionais, desde sempre sensíveis aos grandes espetáculos, certamente influenciou nesta tomada de posição da sociologia inspirada na Escola de Frankfurt. A crítica ao esporte não desapareceu, e está cada vez mais refinada e menos propensa a repetir insistentemente os dogmas de outrora, como a crença de que o gosto esportivo caminha de mãos dadas com a alienação política. Por razões diversas, dentre as quais o foco nos fenômenos periféricos ou liminares, a etnologia foi mais tolerante em relação ao tratamento dado às festas e aos jogos agonísticos. Como mostra a interessante retrospectiva de Paola Ricciardone, em *Antropologia e Gioco*, quase todas as etnografias clássicas dedicaram atenção às formas sociais que se aproximam do esporte, seja pela função ou pelo significado, como, por exemplo, os jogos competitivos ou cooperativos, os exercícios de preparação para a guerra, os suplícios corporais (sobretudo aqueles aos quais os homens eram submetidos nos ritos de passagem) e as atividades lúdicas em geral.

De qualquer forma, os usos do corpo, tão abundantes nas sociedades tradicionais quanto nos esportes modernos, seriam problematizados por Marcel Mauss já na década de 1930. Embora ele não tivesse incluído os esportes na sua clássica – e bem durkheimiana – classificação, suas reflexões sugerem, sob várias formas, seu encompassoamento na noção de técnica do corpo. Em *Manual de Etnografia*, Mauss afirma que os esportes não são propriamente formas tradicionais e eficazes de se dispor dos corpos, mas um domínio técnico particular que deveria ser estudado no espectro da cultura material. Embora esta seja uma discussão ainda rentável, é mais importante, no momento, acentuar que os esportes, junto com a profilaxia e a estética corporal, são as principais áreas responsáveis pelo incremento de tecnologias destinadas à sacralização do corpo. Como no esforço de um maratonista, que não visa à construção de um artefato material, mas apenas proporcionar um espetáculo evanescente, praticamente um sacrifício auto-infligido, as tecnologias dos cuidados paliativos (ou talvez do puro desperdício) demonstram, continuamente, que somos mais do que razão prática, como diria Marshall Sahlins.

Ressaltamos, ainda, que o despertar das ciências sociais no Brasil tem muito a ver com os interesses da antropologia e, particularmente, com o fato de a disciplina ter-se voltado para o estudo de grupos urbanos desde a década de 1970. Como o futebol tem um lugar cativo no cotidiano e no imaginário das classes trabalhadoras urbanas, não é de estranhar que ele tenha se tornado alvo de interesse redobrado. Os escritos pioneiros de Roberto DaMatta, José Sérgio Leite Lopes e Simoni Guedes, entre outros, serviram como ponto de partida para muitas dissertações e teses que proliferaram a partir da década de 1990. Os conflitos entre as torcidas organizadas, que estão na origem da bibliografia sociológica européia sobre o tema, também exerceram grande impacto no Brasil. Outros temas recorrentes são as relações entre o futebol e a identidade nacional, com destaque para as questões estéticas, concernentes ao estilo de jogo (o “futebol-arte”), e o lugar dos negros neste universo. Nos últimos anos também surgiram vários trabalhos problematizando a formação e a transferência de jogadores do Brasil para outros países (especialmente para a Europa) no bojo das discussões sobre projetos de ascensão social e econômica, migração, tráfico de pessoas, exploração de menores, entre outros temas, que, no seu conjunto, conectam os estudos no campo da antropologia do esporte com outros temas das ciências sociais.

Horizontes Antropológicos usualmente publica, na seção *Espaço Aberto*, uma entrevista ou um artigo de um autor destacado. Desta vez, porém, o fizemos em dose tripla. Estamos publicando uma entrevista com Eric Dunning, cuja parceria com Norbert Elias já foi aqui referida, tratando justamente deste encontro tão produtivo e de como a perspectiva eliasiana ainda possui atualidade. Realizada, traduzida e apresentada por Édison Gastaldo, a entrevista com Dunning é um *petit bijou* que *Horizontes* oferece aos seus leitores.

Também estamos publicando, em primeira mão, a tradução do francês de “As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia”, texto de Christian Bromberger, um dos antropólogos mais influentes no campo da antropologia do esporte. Trata-se de uma versão modificada de uma conferência ministrada em Toulouse, por ocasião do 1º Congrès de la Société de Sociologie du Sport de la Langue Française, em outubro de 2002. O texto de Bromberger, que é acompanhado por uma apresentação de Arlei Damo, trata das contribuições que o estudo das sociedades de pequena escala, nas quais a etnologia e a etnografia se especializaram, pode oferecer à compreensão do fenômeno esportivo, disseminado em escala global. Bromberger também argumenta, no re-

ferido texto, em perspectiva inversa, mostrando como o esporte apresenta desafios à antropologia.

Para fechar com chave de ouro a seção *Espaço Aberto*, escolhemos um texto de Eduardo Archetti. Neste caso trata-se de reconhecer, e ao mesmo tempo homenagear, este antropólogo argentino vivaz, generoso e profundamente sensível, que adotou a Noruega como sua segunda pátria e que faleceu em 2005, na plenitude de seu vigor intelectual. Archetti não poderia ficar de fora desta seção pela importância de sua contribuição à antropologia do esporte, como bem destaca Pablo Alabarces, a quem confiamos a apresentação de Archetti aos leitores de *Horizontes*. No artigo que escolhemos publicar, ele trata do “pibe” (menino) e do “potrero” (potreiro/campo de várzea) na construção das representações de argentinidade através do futebol. Destaca a importância das representações sobre o “menino habilidoso”, tão bem personificado por jogadores como Maradona, Ortega, Aimar, Messi, entre outros, sobre os “potreiros”, os campos de futebol que também se prestam ao pastoreio e sobre o estilo “crioulo”, forma pela qual os argentinos representam sua apropriação do futebol. O texto é um convite à produção de Archetti, que inclui um clássico ainda inédito em língua portuguesa *Masculinities – Football, Polo and the Tango in Argentina*.

Conquanto a chamada e o próprio título deste número de *Horizontes* privilegiem o termo esporte, o leitor notará, sem esforço, que os artigos da seção correspondente tratam direta ou indiretamente de futebol. Isto se deve ao fato de o futebol ser um esporte que se destaca das demais modalidades em razão da sua mais ampla difusão e da intersecção com outras modalidades de fatos sociais. Para os brasileiros e sul-americanos, o futebol não tem o estatuto de uma simples modalidade esportiva, razão pelo qual há mais cientistas sociais pesquisando o futebol do que qualquer outro esporte. Em razão disso, predomina também nesta edição de *Horizontes*. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”, escrito por Carmen Rial, é resultado de uma etnografia *multi-sited* realizada em diferentes países europeus – especialmente na Holanda, Espanha e França – com jogadores brasileiros. Trata-se de um artigo que também interessa a quem trabalha com temas como imigração, globalização, mercado de pessoas, entre outros. Rial foi ao encontro desses atletas expatriados e de suas famílias para apreender as formas através das quais eles reconfiguram suas identidades no exterior. Os fatos de que a maior parte deles é oriunda de grupos populares, mas não das frações mais carentes

dessa população, e de que seu deslocamento para o exterior não segue as redes de amizade e parentesco tão usuais no caso de outros imigrantes, são importantes destaques do texto.

Os jogadores que serviram como informantes para Rial possuem um perfil bastante peculiar no espectro futebolístico. Trata-se de atletas bem-sucedidos, embora nem todos sejam *pop stars*. Além de receberem salários muito acima da média nacional, seja para futebolistas ou para outros profissionais oriundos das classes populares, esses atletas constituem um grupo seletivo que se reconhece e é reconhecido como portador de dom, categoria amplamente discutida no espectro da antropologia. Em “O dom de jogar bola”, Sérgio Settani Giglio, Márcio Pereira Morato, Sérgio Stucchi e José Julio Gavião de Almeida retomam a discussão, a partir de Mauss e de outras contribuições contemporâneas, mostrando como o dom é uma categoria fulcral no universo do futebol, pois os seus significados são vinculados a cosmologias mais amplas que aquela professada pela frieza da técnica e da eficácia futebolística da alta *performance*. As representações sobre o dom impregnam com magia e superstição as atividades esportivas, como argumentam os autores de “O dom de jogar bola”.

É longo o caminho entre o reconhecimento do dom futebolístico nos contextos familiares e de vizinhança e a lapidação desta espécie de “talento bruto” – talento é um dos significados do dom, conquanto haja outros – nos centros especializados. E se este processo for bem sucedido o talento lapidado se reconverterá em ganhos monetários, em certos casos, de proporções astronômicas. Este é um sonho de muitos meninos e uma realidade para poucos, mas mesmo estes últimos precisam lidar com as especificidades da profissão, dentre elas a inexorável aposentadoria precoce. Como outros profissionais que têm no corpo o *locus* privilegiado dos investimentos a partir dos quais ganham a vida – como é caso das prostitutas e das modelos –, os jogadores convivem com o fantasma do esgotamento desses capitais. A partir dos 30 anos, quando muitos outros profissionais estão hoje entrando no mercado de trabalho, depois de realizadas várias especializações, os jogadores estão “pendurando as chuteiras”. Não é que eles queiram “largar a bola”, mas é a “bola quem os larga”, como eles próprios dizem. “Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros” trata não apenas da aposentadoria precoce, mas também dos casos em que os atletas, pressionados pela escassez da oferta ou do excesso de demanda, vêem-se forçados à reconversão ao longo da carreira projetada, não raro já no seu início, tão logo concluída a sua formação. Neste artigo,

Camilo Araújo Máximo de Souza, Alexandre Fernandez Vaz, Tiago Lisboa Bartholo e Antonio Jorge Gonçalves Soares discutem estas questões com o suporte de trabalho de campo a partir do qual acompanham a trajetória de dois meninos, contemporâneos numa “escolinha de futebol” e cujas carreiras tiveram desfechos distintos.

Dos jogadores passamos aos torcedores, e do Brasil para o contexto argentino. Em “El ‘aguante’ y las hinchadas argentinas: una relación violenta”, Pablo Alabarces, José Garriga Zucal e María Verónica Moreira discutem a categoria nativa “aguante”, de uso alargado entre os torcedores de futebol argentinos, guiados por um trabalho etnográfico de longa data. “El aguante” é um termo nativo que denota uma atitude moral e estética que diferencia e especifica a forma de ser de certos grupos de torcedores. Estes se reivindicam enquanto portadores de uma disposição para a luta, seja ela a favor do time que representa o clube pelo qual torcem, contra torcedores de outras agremiações ou mesmo (e muito seguidamente) contra o aparato repressivo estatal. Em lugar do preconceito e das formas estereotipadas com que esses torcedores são seguidamente tratados, os autores preocupam-se em revelar os significados e os usos políticos desta disposição para a luta. Sendo assim, a demonstração de “aguante” é entendida enquanto uma *performance*, visando afirmar determinados pertencimentos para além do futebol, como seria o caso da vinculação do “aguante” com disposições de classe (popular), ou de sua relação com cosmologias mais amplas, como ilustra o vínculo entre “el aguante” e certas representações de uma masculinidade tradicional.

Gastón Julián Gil, também ele etnografando “los hinchas” argentinos, discute o papel dos dirigentes no processo de acirramento das disputas futebolísticas. Em “La pasión según Aldosivi. El ‘otro’ y los combates por la identidad” nos é apresentada a disputa entre os torcedores de dois clubes que atuam na terceira divisão argentina, mas nem por isso investem menos energia física e mental na elaboração de estratégias visando afirmarem publicamente suas diferenças. No artigo, Gastón Gil argumenta que os dirigentes seriam os principais responsáveis pela mobilização de grupos fanáticos para as disputas, banais nas motivações, mas seguidamente drásticas pelas suas conseqüências, embora estes mesmos dirigentes raramente participem diretamente dos conflitos.

À diferença dos demais textos, Enrico Spaggiari problematiza o futebol comunitário que, em alguns lugares, é conhecido como “futebol de várzea” e em outros como “amador”. “Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática

futebolística em um bairro rural”, explora a dimensão da sociabilidade no futebol, algo ainda pouco investigado pelo fato das pesquisas terem se concentrado, até o presente, no segmento espetacularizado ou no meio urbano. Tendo realizado seu trabalho de campo num bairro da zona rural de São Bento do Sapucaí (SP), Spaggiari apresenta os códigos locais que orientam a reciprocidade atinente ao circuito do futebol comunitário. A permuta de jogos, que obriga o time local a retribuir a visita, é fundamental não apenas para a manutenção deste circuito, mas também para a oferta de lazer nessas regiões nas quais há poucas possibilidades de entretenimento. Nestas circunstâncias, a dimensão lúdica dos eventos que propicia a permuta de jogos é tão ou mais importante do que o aspecto competitivo.

Por fim, Luiz Henrique de Toledo investe na exegese das regras do *football association* à luz de algumas abordagens clássicas da antropologia – de inspiração estruturalista, estrutural funcionalista e configuracional. “Jogo livre: analogias em torno das 17 regras do futebol” mostra como as regras, responsáveis pela estabilidade do confronto e pela conformação estética do jogo – uma vez que restringem certos usos do corpo –, possuem lógicas distintas, podendo ser agrupadas a partir de perspectivas “antropo-lógicas” e “socio-lógicas”. Ou seja, muito mais do que um conjunto de códigos visando equiparar os contendores, as regras espelham determinados códigos éticos e estéticos. Quando se sugere que os árbitros sejam mais rigorosos, com a marcação das infrações, ou se criam novas regras visando esta finalidade, está sendo realizada uma adequação da dinâmica do embate a certos padrões de sensibilidade da sociedade mais ampla. Em perspectiva inversa, quando os árbitros são orientados a evitar marcar certas infrações para que o jogo “corra mais” ou “pare menos”, está sendo proposta uma alteração na dinâmica do jogo com conseqüências para os padrões estéticos, uma nítida demonstração de que toleramos cada vez menos o desperdício de tempo. Pensar porque e para que foram elaboradas as regras esportivas pode, pois, revelar-se um exercício antropológico, como nos mostra Toledo.

Evidentemente, o conjunto de textos aqui reunidos não tem a pretensão de ser uma resposta definitiva às questões suscitadas pelo esporte, mas pretende contribuir para a constante complexificação destas mesmas questões. As conquistas das duas últimas décadas, com o avanço em quantidade e qualidade das investigações, garantiu ao esporte em geral, e ao futebol em particular, um espaço de discussão em fóruns acadêmicos nacionais e latino-americanos –

ABA, RAM, Anpuh, Anpocs, SBS, Alas, entre outros. Todavia, não faltam desafios a serem enfrentados. O primeiro talvez seja a própria manutenção desses fóruns, com seu caráter transdisciplinar, sem perder de vista o diálogo com as especificidades disciplinares, inclusive suas especialidades, pois é impossível avançar no entendimento do campo esportivo desdenhando suas relações com a política, a arte, a religião e a economia, por exemplo. Um segundo desafio é romper com as fronteiras nacionais e sul-americanas, estreitando a relação com a produção internacional. Um terceiro propósito é ampliar o leque de questões, incentivando a realização de pesquisas sobre outros esportes e mesmo sobre outros futebóis.

O esporte, como se sabe, oportuniza a produção de muitas imagens fantásticas, captadas por câmaras cada vez mais sofisticadas. Mas ao invés do realismo dessas imagens, preferimos usar como tema de capa a imaginação de Candido Portinari, um dos mestres da pintura brasileira. O quadro *Futebol* é um dos tantos que Portinari dedicou à tematização do mundo lúdico e festivo dos jogos infantis. Por mais que o esporte tenha incorporado o léxico do mercado, da ciência, do trabalho e de outros tantos campos afeitos à seriedade dos adultos, não custa lembrar que as *performances* atléticas destinam-se, em todo o caso, ao entretenimento, à excitação e à sociabilidade do seu público. Poucas imagens poderiam expressar melhor a idéia de que o esporte é uma produção estética, voltada à satisfação das necessidades simbólicas, do que este quadro de Portinari.

Arlei Sander Damo
Ruben George Oliven
Simoni Lahud Guedes